

CRISTIANISMO E GNOSTICISMO: A RECEPÇÃO DE ELEMENTOS DO HELENISMO RELIGIOSO

Prof. Dr. Pe. Pedro Paulo Alves dos Santos

Unesa – Letras

RESUMO:

Este artigo visa apresentar o estudo das relações de identidade no Cristianismo Antigo a partir da recepção de Elementos do Helenismo Religioso. Estas confluências, advindas anteriormente das relações com o Judaísmo da Diáspora, no Egito Ptolomaico (LXX – séc. IV a.C), são consolidadas com a formação geopolítica e religiosa da Expansão do Cristianismo na Ásia Menor, durante o II^o século. Através da exposição de *'The Religious Context of Early Christianity'* (KLAUS, 2000) abordaremos as vicissitudes da Religião Helênica em mutação entre a Filosofia da Felicidade e o Retorno do Divino Absoluto no Gnosticismo. Em diálogo com um tradicional estudo sobre a 'atmosfera' antiga nas relações entre a Gnose antiga, o Judaísmo e o Cristianismo (MINNERATH, 1973) serão traçadas as vias expostas pela obra de Klauck. No dizer do autor, trata-se de empreender um percurso que nos permita descortinar o 'inteiro horizonte' (KLAUS, 2000. p. 6) do Gnosticismo.

Palavras-Chave: Helenismo Religioso; Gnosticismo; Filosofia Grega; Cristianismo antigo.

Abstract

This article aims to present the study of the relations of identity in Ancient Christianity from receiving elements of the Hellenic religious. These confluences, coming earlier relations with Judaism in the Diaspora, in Ptolemaic Egypt (LXX-. IV. C), are consolidated with the geopolitics and religious training of the expansion of Christianity in Asia minor, during the II century. Through the exhibition of *'The Religious Context of Early Christianity'* (KLAUS, 2000) we'll cover the ups and downs of the Hellenic Religion changing between the philosophy of happiness and the Divine Absolute return in Gnosticism. In dialogue with a traditional study on the 'old' atmosphere in relations between the old Gnosis, Judaism and Christianity (MINNERATH, 1973) will be drawn

the exposed by Klauck. In the words of the author, it is embarking on a journey that allows us to see the whole 'horizon' (KLAUS, 2000. p. 6) of Gnosticism.

Key-words: Hellenic religious; Gnosticism; Early Christianity'; Greek Philosophy.

Introdução:

Neste artigo queremos examinar alguns dos aspectos das relações de identidade no Cristianismo Antigo a partir da recepção de Elementos do Helenismo Religioso. Abordaremos as vicissitudes da Religião Helênica em mutação entre a Filosofia da Felicidade e o Retorno do Divino Absoluto no Gnosticismo.

Não se pode ignorar a importância estratégica das comunidades judaicas espalhadas no Egito helenista dos Ptolomeus. Isto irá possibilitar e justificar, não somente a tradução em grego dos textos da Torah e depois de todos os livros sagrados, como também irá fornecer uma ponte de identidade da formação e evolução da hermenêutica judaica (HARL, 1986; HARL, M et DORIVAL, G. et MUNNICH, 1988; HARL, 1992; DORIVAL, G. et MUNNICH, 1995).

Refiro-me brevemente às questões sobre o desenvolvimento dos estudos da Religião, no âmbito das contribuições das ciências sociais e humanas contemporâneas, condição para o desenvolvimento da crítica fenomenológica ao Gnosticismo.

Expomos em vários tópicos, as tentativas de descrição e análise do 'Fenômeno' da Gnose em suas múltiplas possibilidades. Em diálogo com um tradicional estudo sobre a 'atmosfera' antiga nas relações entre a Gnose antiga, o Judaísmo e o Cristianismo (MINNERATH, 1973) serão traçadas as vias expostas pela obra de Klauck. No dizer do autor, trata-se de empreender um percurso que nos permita descortinar o 'inteiro horizonte' (KLAUS, 2000. p. 6) do Gnosticismo.

Uma extensa 'conclusão' ('*observações conclusivas*') nos permite recolher os resultados alcançados, mas, sobretudo, apreciar os diversos filões de interpretação do complexo fenômeno do Gnosticismo em suas relações com a 'herança' religiosa do 'helenismo', tanto no Judaísmo tardio, quanto no Cristianismo antigo.

Uma Descrição do Fenômeno.

(...) but gnosis turns up with regularity in exegesis as a somewhat nebulous matter, and it has at some periods been an essential determinant of the debate about the history of

Religions. Thus, the intended readers of this book ought certainly to be interested in knowing whether a gnosis existed before and outside Christianity (KLAUCK, 2000, p. 11).

Klauck (2000) nos remete às fontes da literatura dita gnóstica, os escritos de Nag Hammadi (Egito, 1950), juntamente com as descobertas do Mar Morto (A Literatura Essênica). Ele estabelece um paralelo entre as questões encontradas como horizonte funcional do Gnosticismo e a atualidade.

Segundo Klauck (2000), a obra de Ernest Bloch, *‘O Princípio da Esperança’* (1984), colocada em confronto com um texto cristão antigo, Clemente de Alexandria, em *‘Excerpta ex Theodoto’* (séc. III), demonstra o vigor continuado das ideias gnósticas no pensamento moderno. Este, marcado pela ansiedade, pela consciência da inautenticidade (diria Heidegger) da nulidade (Sartre), da insuficiência da Religião (Nietzsche). O mundo parece uma ‘prisão’, um espaço que atenta contra as questões de sentido humano e social.

No texto de Clemente encontramos as diversas perguntas existenciais antigas trazidas retoricamente à tona, para sustentar a utilidade e o lugar do pensamento cristão, no sistema de vida Romano-oriental antigo, no qual sediado, contrastava-se com diversas outras formas de filosofias de vida (Epicurismo, Neo-platonismo e o Cinismo: REALE, 2003). Estas questões remetem sinteticamente à questão do estado primordial, origem e fonte da verdade, da existência, e conhecimento verdadeiro da essência das coisas: A Gnose.

No Cristianismo existe uma perspectiva como esta: o Paraíso, a queda, a redenção através de Cristo com um retorno ao céu após a morte e o fim do mundo com a restauração da perfeição original. Ora, esta relação implica que a gnose seja um elemento comum às experiências religiosas antigas, diferenciáveis, somente, em sua constituição própria, da qual o autor sublinha o aspecto esotérico, em vista do estado redentor, implicado neste conhecimento, e a visão da humanidade dividida em homens gnósticos e não gnósticos.

Nos sistemas gnósticos antigos que conhecemos por diversas fontes cristãs, destaca-se a percepção negativa da materialidade do corpo e do mundo. Na *‘Excerpta Theodor’*, de Clemente de Alexandria, o discernimento intelectual, livre da

materialidade, equivale ao esquema do drama cósmico da queda e da elevação exuberante (SCHNACKENBURG, 1980).

A Sensação de ‘*anxiety*’ e a percepção do mundo como ‘*prison*’, citadas por Bloch, referindo-se a estados comuns de percepção no mundo antigo e no moderno, e que aí se entrecruzam.

Este fenômenos são analisados na obra de R. Minnerath (1973) “*Les Chrétiens et Le Monde (I^{er} et II^e Siècles)*”¹, que apresentaremos em breves linhas. O primeiro Capítulo, que nos interessa em particular, está voltado para a análise das questões ‘cosmológicas’².

Nesta seção, o autor expõe as características principais da construção da ‘cosmovisão’ antiga do ‘mundo’, e de que maneira, estão implicadas as formulações antigas, comuns às perspectivas da Grécia antiga, do Helenismo, do Judaísmo tardio, do gnosticismo e do Cristianismo, a quem dedica obviamente a maior parte desta seção cosmológica.

Concepções Cosmológicas Antigas.

Aucun peuple dans l’antiquité ne s’est donné une image aussi complète du cosmos que les Grecs. La structure de l’Univers est le premier thème sur lequel se penche la pensée rationnelle naissante (MINNERATH, 1973, p. 1).

Tratava-se da primeira tentativa de ordenar conceptualmente os dados de uma investigação racional sobre o universo, ou sobre o Princípio da Realidade. O mundo, por isso, representava para os gregos o princípio da Filosofia, a totalidade racional, “*πᾶν*” (BAILLY, 1969, p. 1448).

A partir daí, segundo Minnerath, a noção de cosmos torna-se o conceito estruturador de toda a construção racional do edifício do pensamento grego e antigo: Dès lors la notion de *cosmos* devient le concept directeur des grandes synthèses philosophiques et sa longue élaboration demeure l’indice des efforts et des cheminements de la rationalité hellénique (MINNERATH, 1973, p. 1).

Duas noções garantem a identidade do conceito grego de mundo. A unidade indissolúvel e a ordem. Por isso, a cidade e o cosmos se assemelham, na medida em que

¹ Paris: Gabalda, 1973.

² *Le Cosmos*. Paris: Gabalda, p. 1-48, especialmente, ‘*Le Cosmos gnostiques*’ (p. 14-17).

eles representam uma organização harmoniosa, governado, como na cidade, pelas leis (*νόμος*) que ordenam todos os elementos, configurando-os à totalidade.

Depois de Platão³, as representações divinas são reconduzidas à epistemologia do mundo, e assim, os gregos entendiam o mundo como um ser eterno (*l'être éternel*).

Mesmo Aristóteles fundamentará a identidade do mundo, a partir das noções de eternidade e estabilidade, como uma esfera totalizante, que garante a compreensão ordenada da realidade (FURLEY, 1999).

Aristote disait que est inengendré et incorruptible. Il n'a pas de commencement et n'aura pas fin. Il ne une créature, mais une nature. Il est l'absolut et, comme tel, il est intelligible à l'esprit grec qui objective en lui son exigence de rationalité (MINNERATH, 1973, p. 2).

Para o idealismo Helênico, o conceito de mundo é sempre primordial, pois ele engloba e subordina a si todos os outros aspectos do conhecimento que existem, a partir do deducionismo.

Ele determina, em particular, uma visão do homem. O cosmos grego é o reflexo de uma exigência de racionalidade que é, desde o princípio, um esforço pelo qual o homem busca render-se conta do que ele mesmo é. Neste quadro, não há mistérios na existência humana.

A micro-existência é sempre feliz, na medida em que se harmoniza, pelo conhecimento, com a realidade macrocósmica do Universo. Este ideal se inscreve na ideologia de várias escolas filosófico-religiosas antigas (REALE, 2003).

L'homme, pour être heureux, doit donc faire sienne la loi du cosmos, lui microcosme dans le macrocosme, se mettre au même rythme que l'univers qui, de tout manière, indépendamment de son adhésion ou son refus, continuera sa course. Cette attitude est parfaitement illustrée par l'idéal du sage stoïcien, le plus populaire sous l'Empire et rival du Christianisme (MINNERATH, 1973, p. 4).

Para os antigos, a visão do cosmos supõe todo um esforço de explicação metafísica do universo. Ela implica numa antropologia. Ela é o quadro racional, no qual, os problemas essenciais da vida e da pós-vida, do mal e da morte encontram solução.

³ REALE, G. A Doutrina do demiurgo e a Cosmologia. In: _____. *História da Filosofia Antiga*. 2ª Edição. Vol II. São Paulo: Loyola, 2002, p.124-152.

Para os antigos, tudo repousa no *monismo panteísta*, no qual se encontra a ‘inteligência’ do universo:

Elle n’est jamais parvenue à l’idée que le cosmos puisse être une création d’un Dieu transcendant par rapport à lui, ni que l’âme ou l’esprit de l’homme autre chose qu’une parcelle de cette Intelligence et cette Ame du Tout qui informe le cosmos. (MINNERATH, 1973, p. 5).

O *cosmos* é por isso, a condição racional (isto é, metafísica) da existência humana e mesmo, da divindade. O mundo é uma forma de deus, enquanto, “*cosmos noêtos*”⁴, mundo inteligível, modelo do mundo sensível, que não está situado fora do Universo, mas que é este universo, na medida em que ele é formado por uma inteligência inerente a si mesmo. Em outras palavras, a alma humana, na sua parte racional, é ela mesma composta como *alma do mundo* e participa de sua imortalidade.

Neste sentido se entende porque a existência humana era sempre percebida como uma experiência marcada pela expectativa da “tragédia”⁵. À luz desta perspectiva do mundo, a noção de *agir histórico* se desenvolveu como uma forma de contemplação racional da realidade:

Pou l’homme, le monde n’est pas à transformer, mais à contempler. Il ne lui reste qu’à se conformer, par l’éducation, au modele de l’ordre cosmique dont sit qu’il possède en lui-même le principe à la cîme immortelle de son être (MINNERATH, 1973, p. 6).

As Concepções Gnósticas do Cosmos.

Les guerres que se livraient les royaume hellénistiques,celles de la conquête romaine et des lutttes civiles du dernier siècle de la République entraient le sentiment qu’un destin tout-puissant réglait le cours du monde dans l’économie duquel l’individue be peut pas s’intégrer. Il n’est plus possible re reconnaître sa place et sa raison d’être en ce monde (MINNERATH, 1973, p. 6).

⁴BAILLY. *Νοητός* In: _____. A. *Dictionnaire Grec Français*. 26 Edição, Paris: Hachete, 1969, p. 1330: ‘1. pass. Qu’ on peut percevoir par l’ intelligence, Intellectuel. Plat. Tim 37a; Rsp 509d; Plut. M. 7765a; 948c // 2. act. Doué d’intelligence’.

⁵ A Poética de Aristóteles terá grande influência nas discussões modernas acerca da experiência trágica. Um comentário da poética aristotélica em língua vernácula é a edição da Tese Doutoral de VELLOSO, C. W. *Aristóteles Mimético*. São Paulo: Fapesp/Discurso Editorial, 2004. A questão moderna é elucidada de modo brilhante em MACHADO, R. *O Nascimento do Trágico de Schlier a Nietzsche*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006, além da obra já clássica SNELL, B. *A Cultura Grega e as Origens do pensamento Europeu*. São Paulo: Perspectiva, 2001. Na perspectiva da crítica d’arte moderna, ainda é insubstituível a leitura de SZONDI, P. *Ensaio sobre o Trágico*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

O primeiro século da era cristã trará uma mudança essencial nesta visão cosmológica antiga. O cosmos perde seu papel de integrador de forças racionais, de lógica universal e prévia a homens e deuses, para ganhar um rosto hostil. A verdadeira pátria deve ser buscada para além deste mundo. Os indivíduos, agora desenraizados do cosmos, se vêem entregues às forças cegas, onde todos são, de certa maneira, vítimas do destino.

O novo Império traz consigo, uma experiência de ‘caos’, e a unidade religiosa fundada na metafísica do mundo, cede lugar no segundo século, a novas religiosidades, vindas do ‘Oriente’ do Império Romano. Astrologias e práticas mágicas baseadas em tratados filosófico-religiosos, aliados à deusa ‘fortuna’ exprimem bem o quadro da mentalidade que prepara a solidificação da construção do sistema gnóstico antigo⁶.

A conseqüência desta mutação radical do espírito helenístico é uma nova concepção do mundo e, portanto, do homem, caracterizada por uma visão ‘dualista’ do Universo.

O mundo sensível tende a confundir-se com o princípio do mal. A divindade se distancia da matéria, em graus de elevação inacessível. Surge, assim, uma representação do mundo baseada na divisão em duas esferas opostas.

Crenças astrais⁷ radicalizam antigas noções que relacionam o mundo de baixo (sublunar), materializado e mau, com entidades maléficas. Só na transcendência, no mundo superior, haveria garantia de paz.

L’ancienne unité du cosmos se scindaant em deux domaine opposés, le shème *ici-bas – au-delà* s’impose qu’auparavant pour définir le rapport du monde sensible à l’éternité. Du coup, la chute du monde terrestre au rang de domaine du mal offre un terrain accueillant pour l’éclosion d’une démonologie foisonante (MINNERATH, 1973, p. 7).

O mundo terrestre parece cada vez mais entregue ao poder de potências maléficas contra as quais se deve lutar, unindo a alma, pela contemplação dos astros, pela iniciação aos mistérios, pelo êxtase ou mesmo pelos rituais de transe à divindade, que pode salvar. Aqui estão postos os princípios que norteiam a análise dos movimentos

⁶ Hermes Trismegita e o ‘hermetismo’, tratados caldeus, como ‘Os Oráculos Caldaicos’ dos dois Julianos. Sobre este argumento ainda é clássica a referência a FUSTIGIÈRE, J. *La Révélation d’hermès Trimegiste*, 4 tomes, Paris, 1944-45.

⁷ Ainda é valioso auxílio o estudo sobre as religiões de ELIADE, M. O céu: deuses uranianos, ritos e símbolos celestes. In: _____. *Tratado da História das Religiões*. Lisboa: Cosmos, 1977, p. 65-160.

gnósticos em suas múltiplas e facetas formas de aparição e de contato com o Judaísmo⁸ e o Cristianismo, na Antiguidade tardia⁹.

Entre os diversos sistemas ‘neo-platônicos’ (EMILSON, 1999, p. 356-387) e as religiões orientais e primitivas permanece a crença comum na ‘*queda*’ da alma neste mundo, de sua origem celeste, em um corpo, sua prisão. A Salvação, ao contrário, consistiria na liberação deste invólucro carnal, no conhecimento da essência divina de sua alma para retornar após a liberação da morte para a ‘verdadeira pátria’.

Para Minnerath, estes elementos contêm o esquema fundamental do gnosticismo helenístico que se desenvolverá sobremaneira, às margens do judaísmo tardio, pelos ambientes apocalípticos (Qumran) e do Cristianismo herético do segundo e terceiro séculos¹⁰.

Natureza maléfica da criação material.

Le monde visible, ce lieu de souffrance et de mal ne pouvait avoir pour auteur le Dieu Suprême. Telle sera en effet la thèse fondamentale de tous les systèmes gnostiques qui conditionne, nuancés à l’infini, leur vision de l’univers fondée sur la distinction nette entre le Dieu suprême et bon et le médiocre de cet univers (MINNERATH, 1973, p. 15).

⁸ A Bibliografia sobre as relações entre o Rabinismo, forma tardia do Judaísmo e as fontes gnósticas é imensa. Citamos o artigo de DAN, J. Yaldabaoth and the Language of the Gnostics. In: LICHTENBERGER, H. *Geschichte – Tradition – Reflexion*. T. III. Tübingen: J. Mohr Siebeck, 1996, p. 557-564.

⁹ É papel de o Cristianismo levar às últimas consequências a noção de escatologia, veiculada em toda sua violência literária nos escritos ditos ‘apocalípticos’. A noção de redenção do tempo e, portanto de sua condução finalística por Cristo ‘cósmico’, depois de sua Ressurreição encontra na estrutura mais sofisticada da língua e da mentalidade helenísticas tardias um aliado fundamental na elaboração deste conceito-experiência, durante o período de formação do Cristianismo antigo. Sobre o legado grego nas relações entre o Cristianismo e o Judaísmo Helenista, nos primeiros séculos desta era: ARMSTRONG, A.-H. *Filosofia Grega e Cristianismo*, in FINLEY, M. I. *O Legado da Grécia. Uma nova Avaliação*, Brasília: EdUnB, 1998, p. 381-408. Cf. DOS SANTOS, P. P. ‘Et vidi caelum novum et terram novam; primum enim caelum et prima terra abierunt, et mare iam non est. (Ap 21,1): Cosmogonia e Escatologia: O Mito grego e o livro cristão nos itinerários da origem e do fim. Comunicação apresentada no III.º Congresso de Letras Clássicas e Orientais - Humano mais que Profano - Leituras do Sagrado na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental. 2007.

¹⁰ As relações do Cristianismo antigo e o ambiente de Qumran seguem indagando os especialistas, dada a complexidade presente na tentativa de configurá-lo como fruto de ambas as esferas religiosas. Talvez a linguagem apocalíptica traga muitas luzes sobre estas relações: ROWLAND, C. *Apocalyptic, Mysticism, and the New Testament*. In: SCHÄFER, P. *Geschichte – Tradition – Reflexion*. T. I. Tübingen: J. Mohr Siebeck, 1996, p.405-430.

O primeiro princípio da desmontagem do sistema greco-helênico para aquele gnóstico consiste na eliminação de qualquer elemento benéfico nas realidades sensíveis ou terrestres.

A origem do mundo de origem dualista estabelece-se na cosmogonia ‘emanacionista’ e inconciliável entre o mal e o bem. Isto é, Deus (*to, Ple, roma*)¹¹ jamais poderia ser criador, como entendemos a partir do sistema judaico-cristão (DOS SANTOS, 2008). A existência material do mundo, por isso, tem sua origem na obra de entidades divinas emanadas. Às vezes, chamadas também de ‘anjos’.

Como em diversas *mitologias* antigas amalgamadas em forma de ‘doutrina’, o pensamento ‘gnóstico’ sustenta a imagem do *cosmo* como o palco de uma ‘tragédia cosmogônica’ ocorrida em tempos ancestrais no ‘seio’ do Pleroma (a conhecida escola de Valentino).

Segundo Minnerath, neste modelo, o mundo do gnosticismo representa um drama, cadenciado pelos ‘aiones e Eons’ no qual estamos inseridos, devido à nossa dimensão material, que expressam nossa decadência e nossa distância do Princípio do Bem e da Verdade:

Dans l'école Valentinienne, la cosmogonie vient à la suite d'un drame survenu dans le Plérome des éons. La substance du monde est tirée des passions du triste avorton qu'engendra Sophia, les dernier des éons, en voulant s'égaliser à la grandeur du Père (...) la terre correspond à l'état de désespoir, l'eau au mouvement des larmes nées de la crainte, l'air à la coagulation de la tristesse, le feu est contenu en eux tous comme la mort et corruption (...). Le monde est donc le résultat d'un drame, d'un malentendu, d'en erreur regrettable survenus au sein du Plérome (MINNERATH, 1973, p. 15).

O homem material em sua corporeidade participa plenamente desta decadente condição do ‘cosmos’. Nele residem, no entanto, ‘partículas espirituais’ do Pléroma (sementes), o que lhe possibilita alguma saída deste circuito de morte.

¹¹ τὸ Πλήρομα In: BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. 26 Edição, Paris: Hachete, 1969; p.1573: ‘I. Tout ce qui remplit ou complète, d'où. 1. le contenu d'un vase (Plat. Rsp. 371) 2. some, total (Hdt 8,43-45. II. Act. 1. Action de remplir (...) 2. fig. Tou/ no,mou, NT. Rom 13,10. accomplissement de la loi’. Equivalente ao verbo περισσεύω In: BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*, p. 1538, no sentido de exceder, ser supérfluo, superabundante, muito utilizado nos Escritos do NT como ‘termus technicus’ da escatologia cristã. Cf. SCHMIDT, P. *Pienezza/perisseu,w*. In: COENEN, L. Et Alii (ed.). *Dizionario dei Concetti Biblici del Nuovo Testamento*. 4ª Edição. Bologna: EDB, 1989, p. 1288-1303.

Esquemas Cosmológicos e a concepção gnóstica de ‘salvação’.

La salut consiste alors à connaître ce germe «pneumatique» qui constitue la vrai moi, à savoir que son origine est dans le Plérôme et, possédant la «gnose» de son être véritable, à la faire sortir de ce monde où il est retenu prisonnier pour ressusciter à la vie spirituelle (MINNERATH, 1973, p. 15).

O gnosticismo inicia seu trajeto anunciando um alienamento absoluto do homem, por sua participação material na vida do ‘cosmos’. O gnóstico se sente realmente alienado na matéria que constitui a substância do seu ser corporal. Segundo todas as escolas gnósticas (Valentino, Mandeísmo, etc...) o cosmos se opõe ao Pléroma, chamado também Eon Imortal, como a sombra em relação à luz. Por isso, é preciso retornar ao verdadeiro Divino:

La semence pneumatique, à l’oeuvre dans un monde de mort, en prenant conscience de soi, transcende de plus en plus la mort par la résurrection qui est la remontée actuelle dans le Plérôme de la vie divine (MINNERATH, 1973, p. 16).

O Pléroma, pre-existente, pré-cósmico e atemporal se situa para além do mundo e fora da temporalidade deficiente deste mundo. O esquema dualista, portanto, é a chave de compreensão de todos os fenômenos gnósticos antigos. Um dualismo de substância. Na verdade, para esta forma de pensamento, existem dois deuses, com os quais lidam os homens: *‘La pensée gnostique résout ainsi le problème du mal qui l’obsède par un dualisme ontologique radical. Dieu e se monde son totalement étranger l’un à l’autre’* (MINNERATH, 1973, p. 16).

O mundo gnóstico distingue-se, por isso, da visão judaico-cristã da Criação, de sua antropologia e de seus esquemas soteriológicos, na medida em que, por sua estrutura material ele, em si mesmo se opõe ao Pléroma, imaterial e, ao abrigar o homem, torna-o prisioneiro de sua trama de inferior e dada irreversivelmente ao mal e à morte:

Le monde avec son histoire est an avatar malheureux non voulu par Dieu (...). A différence du Judaïsme et du Christianisme, le monde n’est pas une oeuvre de Dieu qui en dirige l’Histoire vers un fin (MINNERATH, 1973, p. 16).

A diferença ainda é mais radical em relação ao mundo grego, em sua visão clássica do mundo, na qual o cosmos, como ‘*physis*’¹² era entendido como ‘*une nature, cité commune des dieux et des hommes, animées d’un mouvement éternel*’ (p. 16).

Observações Conclusivas.

Algumas observações são pertinentes na discussão sobre as origens do gnosticismo, e por isso, com suas relações com o Judaísmo e o Cristianismo antigos. A constatação da pesquisa contemporânea que não sabemos com certeza a resposta a esta questão: ‘*The search for the origin remains one of the unsolved fundamental problems of the study of gnosis*’, afirma, peremptoriamente, Klauck (2000, p. 456).

Quando se discute a relação entre o Gnosticismo e Judaísmo ou o Cristianismo antigos, como o fizemos em seção precedente, observam-se diversas reações. Ao menos três tipologias se apresentam como tentativas de respostas a esta árdua questão.

Segundo Harnack (1908) o gnosticismo representa a secularização do Cristianismo, que se helenizara, sendo assim, ‘*without Christianity, there would be no gnosis*’, conclui Klauck (2000, p. 456). O Gnosticismo, dentro desta perspectiva de leitura histórica, consistiria numa forma ‘herética’ do próprio Cristianismo. Esse pertence ao âmago da história doutrinal do Cristianismo, na antiguidade tardia.

According to Harnack, the Gnostic’s primary interpretative categories for the New Testament tradition derived from Greek and especially Platonic philosophy. Thus, they falsified the Christian faith from the very outset; even if they were thereby enable to present themselves as the first systematic thinkers of the early Church (KLAUCK, 2000, p. 456)

¹² *Fu,sij* In: BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. 26 Edição, Paris: Hachete, 1969; p.2108; FURLEY, D. Aristotle The philosopher of Nature. In: FURLEY, D. *From Aristotle to Augustine*. London and New York: Routledge History of Philosophy. Vol. II, 1999, p. 9-39; especialmente no tópico em que F. explicita a noção de unidade do Cosmos, como uma noção inerente do estudo da “*physis*” do mundo. *The Unity of The Cosmos*. p. 31-33. ‘(...) *the world carries with it the idea of good order. (Metaphisica, 12.10, 1075aII-19). In the context it would that Aristotle draws an analogy between the commander of an army and the supreme deity in command of the cosmos (...). The good those they achieve is the eternity of cosmic order (...). The Cosmos just it is. It like and a well disciplined army, commanded by a good and effective General who keeps his troops up to the mark in performing their various traditional tasks*’. Sobre a metafísica de Aristóteles: REALE, G. *Metafísica. Ensaio Introdutório*. I-III, São Paulo: Loyola, 2001. No período da formação do(s) Gnosticismo (s) a situação das ciências naturais, em particular, a recepção das doutrinas aristotélicas referimos o artigo de HANKINSON, R. J. Hellenistic biological sciences. In: FURLEY, D. Aristotle The philosopher of Nature. In: FURLEY, D. *From Aristotle to Augustine*. London and New York: Routledge History of Philosophy. Vol. II, 1999, p 320-355.

Em suma, nesta perspectiva, o gnosticismo como uma **heresia cristã** pertenceria à história do cristianismo, e mais especificamente à seção especial da história da heresia.

Outra perspectiva situa o fenômeno gnóstico no âmago da história das Religiões. Já no início do século XX, a gnose foi interpretada como um fenômeno religioso típico do mundo antigo, com suas raízes anteriores ao próprio Cristianismo. Pois, o dualismo radical, um dos conceitos básicos nas doutrinas gnósticas, proviria do Irã, assim como outros aspectos mitológicos, que parecem se encontrar no contexto do mundo da religião antiga e que teriam contribuído para o nascimento do gnosticismo.

Neste sentido, contra as teses alguns aspectos da Historiografia eclesiástica, desenvolvida em ambientes do Protestantismo no início do século XIX, para Klauck (2000): *'Gnoses does not mean the Hellenisation of Christianity, but rather its reorientalisation'* (p. 456).

Com Jonas (1970) ocorre já uma reviravolta nos estudos sobre o Gnosticismo. Ele identificava, a partir da leitura existencialista de Heidegger, como característica básica de identificação daquele fenômeno a perspectiva cosmológica pessimista, com uma fuga para o interior do homem (liberação da alma).

Deste modo, o gnosticismo é o espírito da antiguidade tardia. Neste sentido, a perspectiva existencial, por sua natureza sincrônica tenderia a perder o foco específico do fenômeno estudado, com resultados bem imprecisos.

This has significant consequences when one seeks to identify the actual boundaries of phenomenon; among those Jonas includes under gnosis are Philo of Alexandria, Origen, Plotinus. At this point, the concept which has been defined on the basis of a systematic approach loses all historical precision (KLAUCK, 2000, p. 547).

Diante deste quadro de imprecisões na tentativa de qualificar o fenômeno do gnosticismo, em particular suas relações com o Judaísmo e o Cristianismo antigo, e mesmo com as ideologias contemporâneas da religião e da existência, Rudolph (1975 e 1996) observa que a gnose pode ser qualificada como um *"parasitic phenomenon"*:

it has only a very limited number of views that are unmistakably its own, and since it needs material in order to illustrate these, it adopts this material indiscriminately from every available source – from Judaism, Christianity, the pagan religions, and the Greek philosophy (KLAUCK, 2000, p. 458)

Neste sentido, é preciso utilizar fontes autenticamente comprovadas, que durante os dois primeiros séculos desta era, tenham examinado o gnosticismo e suas doutrinas, como observamos na literatura eclesiástica do Cristianismo antigo “*We may consider some of the results of discussion up to this point as relatively certain*”(KLAUCK, 2000, p. 459)

Por fim, o que se pode dizer de mais *seguro* sobre os campos de possíveis ‘intercessões’ com o Judaísmo e o Cristianismo antigo?

Para Klauck, de tudo o que foi visto, pode-se concluir, que, primeiramente não exista como pensavam os estudiosos da história das Religiões, um Cristianismo gnóstico, anterior ao que conhecemos, no qual, o Gnosticismo teria sido um ‘fenômeno parasitário’.

Daí decorre que não se pode estabelecer uma dependência entre os dois fenômenos: ‘*All that remains possible is to speak of a non-Christian gnosis, which is to say that gnosis does not originally depend directly on Christianity*’ (KLAUCK, 2000, p. 459). Ao contrário, para o autor, estes fenômenos devem ser considerados como *paralelos* ao Cristianismo antigo, mesmo partindo de algumas pressuposições comuns, mas profundamente distintas.

It developed contemporaneously with Christianity, with the same intellectual and social presuppositions, and very quickly came to interact with Christianity- but the fundamental structure of its thought be derived from Christianity (KLAUCK, 2000, p. 459).

O segundo filão de resultados diz respeito à contribuição da Filosofia para o nascimento da gnose, que parece ter sido considerável. Segundo Klauck (2000), as relações entre os sistemas Médio/Neo-Platônico parecem ter sido intensas, em particular pela utilização de ‘modelos dualistas’ como explanação de fundo de todo o sistema gnóstico e o conceito de ‘emanação’:

Dualistic explanatory models already lay to hand in Middle and Neoplatonism, as well as the idea of emanations, which is typical of Gnostic thought. As will be shown, the anthropological conception of gnosis too owes much to Platonism (KLAUCK, 2000, p. 459).

De outro lado, estas semelhanças de fundo não autorizam elaborar tal analogia entre sistemas filosóficos antigos e a gnose. A ponto de Plotino ter escrito um tratado contra os gnósticos.

O terceiro diz respeito à presença de componentes judaicos antigos na gnose. Segundo Klauck (2000) os estudiosos têm considerado possível relacioná-los através dos eixos semânticos de textos apocalípticos e sapienciais. A literatura apocalíptica Judaica apresenta características marcantes na análise dos fenômenos gnósticos:

Apocalyptic display a pessimistic view of the world and works with a dualistic construction of history. It has an esoteric orientation, making know secret knowledge to a select few. The personified power of evil is multiplied, and the distance to God in the highest heaven seems to grow beyond all measure (KLAUCK, 2000, p. 460).

Os campos de influência da literatura e do ambiente *apocalípticos*¹³ são diversos: Uma perspectiva pessimista do mundo e de suas obras com a construção dualista da História, a transmissão de um conhecimento ‘esotérico’ a um seletivo grupo, entre o Bem e o mal (personificado), que por sua vez é onipresente, é ainda mais acentuada pela transcendentalização radical de Deus, no mais alto dos céus.

J. J. Collins, analisando textos entre o 250 a.C. – 250 d.C. , conclui o seguinte¹⁴:
Apocalypse is a genre of revelatory literature with a narrative framework, in which a revelation is mediated by an other-worldly being to a human recipient, disclosing a transcendent reality is both temporal, insofar as it envisages eschatological salvation, and spatial axis in the mode of revelation found in this definition reflects the fact that, while the eschatological perspective stemming from prophecy is of central importance in early Jewish and Christian apocalypses (HANSON, 1992, p. 279)

¹³ O dualismo persa (séc. IV a.C.) com o qual entrou em contacto o Judaísmo, no período do segundo Templo, é indicado pelos estudiosos como possível fonte para a formação da Apocalíptica Judaica. Porém, esta hipótese tem caído por terra, quanto mais se estuda o ponto de vista específico de cada um, em questão. A fonte que continua a ser considerada como a mais crível permanece aquele de origem profética, designada ora como “tardia profecia”, ora “apocalíptica primitiva”: Is 24-27; 56-66; Zacarias 9-14) apesar destes escritos ocuparem uma posição de transição entre a perspectiva da profecia clássica orientada mais historicamente e a visão mais transcendente da Salvação característica dos escritos apocalípticos. Cf. HANSON, P. Apocalypses and Apocalypticism. **The Anchor Bible Dictionary**. Vol. 1. New York: Doubleday, 1992, p. 279-292. Sobre as relações contemporâneas do Apocalipse e a pós-modernidade: DOS SANTOS, P.P. *O Apocalipse Cristão e os Rolos de Qumran: Literatura e Movimentos Apocalípticos no Mundo Antigo e suas relações com Projetos Contemporâneos*.

¹⁴ Ainda insuperável é o estudo de RUSSELL, D.S. *The Method & Message of Jewish Apocalyptic*. 3ª Edição. London: SCM, 1970, espec. p. 15-69.

Quanto à literatura sapiencial, esta não pode ser relacionada com a gnose pela perspectiva de uma cosmovisão célica, mas pela especulação da figura da ‘*sofi,a*’¹⁵ mitificada, que parece em antigos textos como uma personificação feminina, vinda do céu para habitar entre os humanos (Sir 24, 7ss). E, de fato, sobre ela Gnose construiu um inteiro sistema especulativo: ‘*Gnosis constructed entire mythical systems around the figure of Sophia*’ (KLAUCK, 2000, p. 460).

A gnose, no entanto é um sistema complexo, não basta demonstrar possíveis “influências” para justificar afirmações sobre sua origem. Nela, os elementos apontados anteriormente como pertencentes ao judaísmo, à filosofia neoplatônica ou mesmo ao Cristianismo, parecem pertencer à gnose, na medida em que foram ‘*assimilados*’ a um sistema de pressuposições comuns, mas que, no entanto, agora possuem características e significações diversas de suas possíveis fontes originárias.

Like Platonic philosophy, sapiential literature and apocalyptic do not simply provide material on which gnosis then worked; they belong to the basic intellectual presuppositions without which gnosis could no have been elaborated (KLAUCK, 2000, p. 460).

Klauck acompanha em sua análise sobre o ‘sincretismo’ característico dos sistemas gnósticos, como uma forma de ‘recepção’ de outras fontes antigas, contemporâneas ao processo de formação das teorias gnósticas. Ele retoma o já discutido conceito de ‘fenômeno parasítico’, como a melhor explicação para as semelhanças entre posturas tão diversas. Ele entende as relações e semelhanças entre diversos sistemas religiosos e filosóficos da tarda Antigüidade que se materializam na gnose, como fruto de sua identidade ‘mixada’, sincrética e, portanto, plural.

All in all, the ‘parasitic’ character of gnosis means that it should be classified as an syncretistic form of religion, as a product of the preference for mixed religious forms in late antiquity (KLAUCK, 2000, p. 460).

Por fim, a contribuição de um discurso Social da História tem sido uma ferramenta útil para inserir melhor a complexidade do fenômeno num contexto concreto do mundo e da religião tardo-antiga.

¹⁵ *sofi,a* In: BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. 26 Edição. Paris: Hachette, 1969, p. 1772; Na perspectiva bíblica do Novo Testamento: GOETZMANN, J. *sofi,a* (sapienza/stoltezza) In: COENEN, L. Et Alii (ed.). *Dizionario dei Concetti Biblici del Nuovo Testamento*. 4ª Edição. Bologna: EDB, 1989, p. 1666-1673.

Nesta perspectiva, iniciada por Berger e Luckmann (1974) a análise de características fundamentais do pensamento e da práxis gnósticas são transferidas para um novo universo de questões: ‘We may use the language of Berger and Luckmann and say that gnosis attempts the construction of social reality from within’ (KLAUCK, 2000, p. 461).

The perspective of social history has given a new impulse to the study of gnosis. We may leave open the question whether it is correct to go as far as the categorical assertion that Jewish intellectuals in Egypt were initiators of Gnosis (...) (KLAUCK, 2000, p. 461)

Segundo novos estudos, os gnósticos teriam seus membros perfilados nas classes sociais altas e intelectuais. E, a emigração para o Egito, desde o século IV, em cidades como Elefantina, Alexandria entre outras, permite-nos compreender melhor, que esta aparente fuga da sociedade (cosmos social) poderia, ao contrário, ter sido um gesto de recepção da crítica social e religiosa como forma de rejeição ao ‘status quo’ do Universo Helênico.

Nos ambientes intelectuais judaicos teria então começado a aventura da ‘fuga’ ou da ‘resistência’ gnóstica?

Segundo Klauck, mesmo que a hipótese egípciana não pudesse ser constatada, ao menos, é seguro hipotetizar, no período tardo-antigo a **natureza urbana da gnose**: (...) but it is it correct to state that gnosis is a phenomenon of the city culture of imperial period, that its protagonist had a very high level of education, and that gnosis is nourished by an deep discontent with the sate of thinks as they were (KLAUCK, 2000, p. 461)

Sendo assim, mesmo a ‘*interior emigration*’ (p. 461) que indicava o caráter de alienação do sujeito gnóstico, ganharia, então, novos contornos, se pudermos localizar os indivíduos e grupos ‘*desenraizados*’ da gnose, como formas sócio-religiosas de reencontrar seu lugar através de uma forte crítica social da sociedade romana, com sua cultura helênica:

Gnosis display traits critical of society and of rulers. The escape route it recommends is that of interior emigration, thereby offerings the possibility of a new identity to *déracinés* who felt alien and lost in the World (KLAUCK, 2000, p. 461).

Esta rota de escape na verdade pode ser interpretado à luz das teorias sociais do conhecimento como uma regra de construção subjetiva, mas coletivizada pela regras da seita gnóstica, como uma forma ativa e crítica diante da insatisfação do mundo circundante. Esta situação de estar no mundo, perdido e distante de si mesmo, não se revelaria como estratégia de subversão das regras sociais do *status quo* tardo-antigo?

Referências Bibliográficas.

- AUNE, D.E. *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*. 4ª Edição. Michigan: W.B. Eerdmans, 1983.
- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. 26 Edição. Paris: Hachette, 1969.
- BLOCH, Ernest. *The Principe of Hope*. Cambridge, 1984.
- BRANDÃO, J. *Mitologia Grega*. vol. II. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BROWN, S. *The Origins of the Gospel Traditions*. London and Philadelphia: St. Paul, 1979.
- BRUCE, F. F. The History of New Testament Study. In: I. H. MARSCHAL, I. H. (ed.). *New testament Interpretation. Essays on Principles and Methods*. 3ª Edição. Carlisle: Paternoster, 1992.
- CONZELMANN, H. and A. LINDEMANN. *Interpreting the New Testament*, Massachusetts:Eedermans, 1988.
- DORIVAL, G. et MUNNICH (org.). *Selon les Septante. Hommage à Marguerite Harl*. Paris: Cerf, 1995.
- DOS SANTOS, Pedro Paulo. A Septuaginta (LXX): a Torah na diáspora judaico-helenista In: **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, 2008.
- _____. O Apocalipse Cristão e os Rolos de Qumran: Literatura e Movimentos Apocalípticos no Mundo Antigo e sua Relações com Projetos contemporâneos. *Communio*, n. 22/1, p. 133-156, Rio de Janeiro, 2004.
- _____. ‘Et vidi caelum novum et terram novam; primum enim caelum et prima terra abierunt, et mare iam non est. (Ap 21,1) Cosmogonia e Escatologia: O Mito grego e o livro cristão nos itinerários da origem e do fim. In: *Anais do IIº Congresso de Letras Antigas e Orientais* (UERJ), Rio de Janeiro, 2008. Eletrônico.
- EMILSON, E. K. Neo-Platonism. In: FURLEY, D. *From Aristotle to Augustine*. London and New York: Routledge History of Philosophy. Vol. II, 1999, p. 356-387.

- FERRATER-MORA, Gnosticismo. In: _____. *Diccionario de Filosofía*. Vol. 2. Madrid: Aleanza Editorial, 1982, p. 1356-1360.
- FURLEY, D. Aristotle The philosopher of Nature. In: FURLEY, D. *From Aristotle to Augustine*. London and New York: Routledge History of Philosophy. Vol. II, 1999.
- GREISH, J. *Le Buisson Ardent et Les Lumières de la Raison. L'Invention de la Philosophie de la Religion*. T. III. Paris: Cerf, 2004.
- HARL, M. et alii. *La Bible D'Alexandrie*. Paris: Cerf, 1986.
- HARL, M et DORIVAL, G. et MUNNICH. O. *La Bible Grecque des Septante: Du Judaïsme Hellénistique au Christianisme Ancien*. Paris: Cerf, 1988
- HARL, M. *La Langue de Japhet. Quinze Études sur la Septante et le Grec des Chrétiens*. Paris: Cerf, 1992.
- JELLICOE, S. *The Septuaginta and Modern Study*. 3^a Edição, Indiana: Eisenbrauns, 1993.
- KEE, H.C. *The Origins of Christianity*. London: SPCK, 1980.
- KLAUCK, H.-J. *The Religious Context of Early Christianity. A Guide to Graeco-Roman Religions*. Edinburg: T&T Clark, 2000.
- NOCK, A. D. *Cristianisme et Hellénisme*. Lectio Divina 77 (1973), Cerf, Paris.
- PENNA, R. *Appunti sul come e perchè il Nuovo Testamento si rapporta all'Antico*. **Biblica**. 81, Roma, 2000, p. 95-104
- PREAUX, Cl. *Le Monde Hellénistique. La Grèce et L'Orient 323-146 av.J.-C*. Paris: PUF, 1978.
- REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. 2a Edição. Vol. II. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. _____. 3a Edição. Vol. III. São Paulo: Loyola, 2003.
- RICOEUR, P. Qu'est-ce q'un Texte? Expliquer et Comprendre. In: BUBNER, R. & CRAMER, K. & WIEHL, R. *Hermeneutik und Dialektik*. T. II. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1970, p. 181-200.
- SCHWARTZ, J. *La communauté d'Edfou (Haute-Égypte) jusqu'a fin de Règne de Trajan. Réflexions sur les Juifs dans plat-pays Égyptie*. In: Lectio Divina 119 (1983), Paris, p. 61-70.
- SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio según San Juan*. Barcelona: Herder, Vol. I-III. 1980.
- TREBOLLE, J.-B. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã. Introdução à História da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

- TOYNBEE A. *A Vitória do Cristianismo*. In: *Helenismo. História de uma Civilização*. 4^a Edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 204-213.
- VERMES, G. *La Littérature Juive intertestamentaire a la Lumière d'un siècle de recherches et découvertes*. In KUNTZMANN R. e SCHLOSSER, J. (org.), *Études sur le Judaïsme Hellénistique*, in *Lectio Divina* 119 (1983), Cerf, Paris, p. 19-40.
- VERNANT, J.-P. *Entre Mito & Política*. São Paulo: Edusp, 2001.